

Festival
Cantabile | 3

**Solistas do Festival
Cantabile
Solistas da Orquestra
Gulbenkian**

**16 SETEMBRO 2017
SÁBADO**

21:00h — *Museu do Dinheiro*



**GULBENKIAN
MÚSICA**

16 DE SETEMBRO
SETEMBRO

21.00h — *Museu do Dinheiro*

Festival Cantabile

Solistas do Festival Cantabile

Diemut Poppen Viola e Direção artística

Hansjörg Schellenberger Direção musical

Maria-Elisabeth Lott Violino

Sebastian Klinger Violoncelo

Solistas da Orquestra

Gulbenkian

Pedro Ribeiro e Nelson Alves Oboés

Esther Georgie e José Mosqueda

Clarinetes

Iva Barbosa e Bruno Graça

Cors de basset

Ricardo Ramos e Vera Dias Fagotes

Gabriele Amarù, Eric Murphy,

Kenneth Best e Darcy

Edmundson-Andrade Trompas

Jordi Rodriguez Violino

Lu Zheng Viola

Varoujan Bartikian Violoncelo

Pedro Vares de Azevedo Contrabaixo

Wolfgang Amadeus Mozart

Serenata n.º 10, em Si bemol maior, K. 361,
“Gran Partita”

Largo – Molto Allegro

Menuetto

Adagio

Menuetto: Allegretto

Romance: Adagio

Tema con variazioni

Finale: Molto Allegro

Arnold Schönberg

Noite transfigurada, op. 4

INTERVALO

Duração total prevista: c. 1h 45 min.

Intervalo de 20 min.

Wolfgang Amadeus Mozart

Salzburgo, 27 de janeiro de 1756

Viena, 5 de dezembro de 1791

Serenata n.º 10, em Si bemol maior, K. 361, “Gran Partita”

Composição: c. 1781

Duração: c. 45 min.



RETRATO INACABADO DE MOZART, POR JOSEPH LANGE, 1782 © DR

A data de composição da Serenata K. 361, "Gran Partita", tem sido sucessivamente discutida por inúmeros estudiosos da obra de Wolfgang Amadeus Mozart e gerado grande controvérsia. A primeira referência relativa a esta obra surge a 23 de março de 1784 e remete para a sua apresentação em concerto público e eventual encomenda pelo clarinetista Anton Stadler (para quem Mozart escreveria, por exemplo, o Quinteto K. 581 ou o Concerto para Clarinete K. 622, entre outras obras). Contudo, Alfred Einstein, que viria a fazer a primeira revisão do impressionante catálogo de Köchel, encontraria o manuscrito original para venda num antiquário em Munique e, somando a uma série de outros dados, notaria que o papel utilizado (além das respetivas marcas de água) remetia a composição da Serenata para os anos de 1781 e 1782. Curiosamente, a designação “Gran Partita” teria sido acrescentada na partitura original por alguém que não Mozart, dada a caligrafia

distinta, mas acabaria por ficar ligada à obra, afigurando-se como adequada em função da sua magnificência (não tanto pela exigência virtuosística, mas sobretudo pela sonoridade refinada resultante da genial e inovadora combinação de sons e texturas). Se é verdade que a serenata era, na altura, considerada um género de alguma frivolidade, para “consumo imediato”, usada para animar festas, eventos sociais e jantares, não deixa de ser verdade que a invulgar formação desta peça, a sua excepcional duração e alguns momentos de inquietação que se geram no âmbito da audição, a afastam do universo do mero entretenimento. A “Gran Partita” foi algumas vezes associada à ideia romântica que atribui a Mozart características de génio, movido por uma “inspiração divina”, que teria início provavelmente com Salieri, mas que seria ainda corroborada no século XX por musicólogos como Alfred Einstein.

ROSA PAULA ROCHA PINTO

Arnold Schönberg

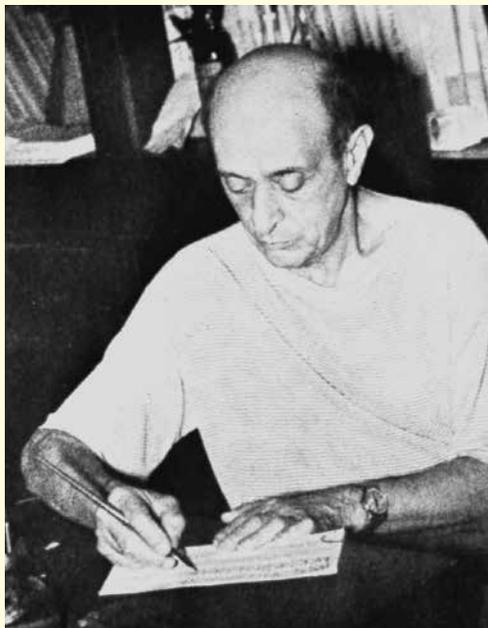
Viena, 13 de setembro de 1874

Los Angeles, 13 de julho de 1951

Noite transfigurada, op. 4

Composição: 1899

Duração: c. 30 min.



ARNOLD SCHÖNBERG © DR

Arnold Schönberg tinha 25 anos quando compôs *Noite Transfigurada* (*Verklärte Nacht*), op. 4, a sua primeira obra instrumental importante, inserida ainda na estética do romantismo tardio. Apesar de ser hoje associado à música “moderna”, ao atonalismo e ao dodecafonismo, Schönberg continuava o caminho de Wagner e seus contemporâneos e foi também seguindo esse rumo que estabeleceu novas linguagens no século XX. Na estreia de *Noite Transfigurada*, em 1902, o público vienense, conservador, ficou perturbado e só serenou quando ouviu o Quinteto em Fá maior de Brahms, que também fazia parte do programa. Foi dito que a música continha um acorde “não existente”, que a harmonia soava “como se alguém tivesse manchado a partitura de *Tristão e Isolda* enquanto a tinta ainda estava fresca”.

A versão inicial da obra foi escrita para sexteto de cordas. Pela sua instrumentação e por ser baseada num poema com o mesmo título, constitui um raro exemplo de música de câmara programática. O texto é da autoria de Richard Dehmel (1863-1920), poeta germânico influenciado por Nietzsche e com tendência para

temas contraditórios como o individualismo e o autossacrifício. Schönberg, deliberadamente, não forneceu o texto ao público aquando da estreia. O poema descreve um homem e uma mulher a caminhar à noite. Ela, envergonhada, confessa-lhe que espera um filho de outro homem, a quem nunca amou. Ele aceita-a, assim como ao filho, promete criá-lo como se fosse seu e diz que o seu amor há de transfigurar esse filho de um estranho. Também a noite se transfigura e, nos últimos versos, o casal já não caminha “num bosque despido e frio” mas “numa noite alta e clara”.

A obra está construída num único andamento, embora a sua estrutura se organize de acordo com as cinco partes em que está dividido o poema. A música ilustra os sentimentos, mais do que a ação do texto, e reflete a sua transfiguração, com a primeira parte em modo menor e a segunda em modo maior.

A harmonia é densa, cromática e modulante. *Noite Transfigurada* foi transcrita por diversas vezes, inclusivamente pelo próprio Schönberg que fez uma versão para orquestra de cordas em 1917, revista em 1943.

SUSANA DUARTE

Richard Dehmel

Verklärte Nacht / Noite transfigurada

Zwei Menschen gehn durch kahlen, kalten
Hain;
der Mond läuft mit, sie schaun hinein.
Der Mond läuft über hohe Eichen,
kein Wölkchen trübt das Himmelslicht,
in das die schwarzen Zacken reichen.
Die Stimme eines Weibes spricht:

»Ich trag ein Kind, und nit von dir,
ich geh in Sünde neben dir.
Ich hab mich schwer an mir vergangen;
ich glaubte nicht mehr an ein Glück
und hatte doch ein schwer Verlangen
nach Lebensinhalt, nach Mutterglück
und Pflicht – da hab ich mich erfrecht,
da ließ ich schauernd mein Geschlecht
von einem fremden Mann umfängen,
und hab mich noch dafür gesegnet.
Nun hat das Leben sich gerächt,
nun bin ich dir, o dir begegnet.«

Sie geht mit ungelenkem Schritt,
sie schaut empor; der Mond läuft mit;
ihr dunkler Blick ertrinkt in Licht.
Die Stimme eines Mannes spricht:

»Das Kind, das Du empfangen hast,
sei Deiner Seele keine Last,
o sieh, wie klar das Weltall schimmert!
Es ist ein Glanz um alles her,
du treibst mit mir auf kaltem Meer,
doch eine eigne Wärme flimmert
von dir in mich, von mir in dich;
die wird das fremde Kind verklären,
du wirst es mir, von mir gebären,
Du hast den Glanz in mich gebracht,
du hast mich selbst zum Kind gemacht.«

Er faßt sie um die starken Hüften,
ihr Atem küßt sich in den Lüften,
zwei Menschen gehn durch hohe, helle Nacht.

Duas pessoas caminham num bosque despido
e frio;
Acompanha-os a lua, eles a olham.
A lua move-se por cima dos grandes carvalhos
e nenhuma nuvem turva a luz do céu
para o qual as negras pontas dos galhos se
estendem.
Ouve-se a voz de uma mulher:

“Trago dentro de mim uma criança, e não é tua,
a teu lado caminho e em pecado.
Grave ofensa, contra mim mesma, cometi.
Já não acreditava que poderia ser feliz
e tinha ainda um forte desejo
de algo que desse sentido à minha vida – a
alegria de ser mãe
e os seus deveres – por isso pequei,
por isso deixei que o meu sexo
fosse tomado por um estranho
e por tal me senti abençoada.
A vida tem agora a sua vingança,
agora que eu te conheci!... Ah! Que eu te conheci!...”

Ela caminha com passos incertos,
olha para o alto; a lua a acompanha.
O seu olhar negro inunda-se de luz.
Ouve-se a voz de um homem:

“Não permitas que a criança que concebeste
se torne um peso em tua alma!
Oh! Vê como o universo tão claro brilha!
Ao redor de tudo existe um fulgor.
Flutuas comigo num mar gelado,
mas uma centelha de calor tremeluz
de ti em mim, de mim em ti.
Ela irá transfigurar a criança desse estranho
e a terás de mim, de mim nascida,
a mim trouxeste o esplendor
e de mim fizeste uma criança.”

Ele enlaça-a pelos fortes quadris
e os seus hálitos na brisa se tocam.
Duas pessoas caminham numa noite alta e clara.

Diemut Poppen



DIEMUT POPPEN © DR

Reconhecida como uma das maiores violetistas do nosso tempo, Diemut Poppen toca nos mais prestigiados palcos, como solista, tendo sido convidada dos festivais de C. Abbado, A. Schiff, G. Kremer e L. Kavakos. Foi viola solo e membro fundador da Orquestra de Câmara da Europa e da Orquestra do Festival de Lucerna. Galardoada com o European Music Prize, é professora na Universidade de Música de Detmold, em Lausanne e na Escuela de Música Reina Sofía (Madrid). É fundadora e diretora artística do Festival Cantabile (Lisboa), bem como dos Rigi Musiktage (Suíça). O seu repertório, excepcionalmente extenso, inclui todos os concertos clássicos para viola, com estreias de obras escritas para ela por compositores contemporâneos, como o concerto para viola de António Pinho Vargas (2016).

Solistas da Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GM - MÁRCIA LESSA

Fundada em 1962, a Orquestra Gulbenkian foi inicialmente constituída por 12 músicos. Contando hoje com um efetivo de 60 instrumentistas, realiza no Grande Auditório Gulbenkian, em cada temporada, uma série regular de concertos, colaborando com alguns dos mais reputados maestros e intérpretes. Sendo uma referência musical no nosso país, distinguiu-se também em muitas das principais salas de concertos do mundo. Os músicos da Orquestra Gulbenkian são instrumentistas profissionais de grande qualidade técnica e artística. Regularmente, apresentam-se também como solistas ou integrando diversificadas formações de música câmara, contribuindo assim, de forma relevante, para uma melhor apreciação do repertório do género, incluindo a estreia de novas obras.

Hansjörg Schellenberger

HANSJÖRG SCHELLENBERGER © GERHARD WINKLER



Ao longo da sua longa carreira internacional, Hansjörg Schellenberger tornou-se um nome respeitado como excelente oboé solista na Filarmónica de Berlim, e mais tarde como fundador de um agrupamento de instrumentos de sopro. É um maestro com ampla experiência orquestral e um pedagogo profundamente dedicado, atualmente professor para oboé e música de câmara na Escuela de Música Reina Sofía, em Madrid.

Maria-Elisabeth Lott

MARIA-ELISABETH LOTT © DR



Maria-Elisabeth Lott é internacionalmente reconhecida como uma das melhores violinistas da sua geração. Iniciou a sua carreira em palco aos dez anos de idade e, desde então, tocou com as mais prestigiadas orquestras e colaborou com maestros como F. Luisi, J. van Zweden, M. Venzago, J. Nelson, K. Petrenko, J. Nott e D. Harding, entre outros. Foi laureada com numerosos prémios e tocou para várias rádios e televisões na Europa, nos Estados Unidos da América e no Canadá. Maria-Elisabeth Lott é professora na Universidade de Música de Detmold.

Sebastian Klinger

SEBASTIAN KLINGER © DR



Natural de Munique, mas criado em Espanha, Sebastian Klinger é um dos mais destacados violoncelistas e músicos de câmara da sua geração. Na sua juventude, foi por diversas vezes premiado em competições. Apresenta-se como solista e integrado em conjuntos de música de câmara de topo. Gravou para as editoras Oehms Classics, Sony BMG e Deutsche Grammophon, tendo sido distinguido com o *Diapason d'Or*. Sebastian Klinger é professor na Escola Superior de Música de Hamburgo.

Festival Cantabile | 3

Produção:



GOETHE
INSTITUT

Co-Produção:



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Colaboração:



Parque de Sítios
Monte da Lua



MUSEU DO
DINHEIRO
BANCO DE PORTUGAL

Patrocínio:



Mercedes-Benz



DakApp
The Art of Learning



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA CULTURA



Direção-Geral do
Património Cultural



Lufthansa
Nonstop you



Apoio:



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Secretaria-Geral



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

ANTENA 2